



New Trends in
Qualitative
Research



VOLUME 20 | Nº 4

DOI:

<https://doi.org/10.36367/ntqr.20.4.e1113>

Juliana Jungs de Almeida

Angelita Alice Jaeger

Data de submissão: Junho, 2024

Data de avaliação: Julho, 2024

Data de publicação: Outubro, 2024

O STORYTELLING COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO

Introdução: Inovar na produção de novos instrumentos para a captura de dados é um desafio. Neste contexto, o storytelling ganha força ao possibilitar que os/as alunos/as reflitam sobre suas trajetórias de vida. **Objetivos:** Analisar o potencial do storytelling como um instrumento de pesquisa, sondando se a sua produção na formação profissional em Educação Física amplia e aprofunda a compreensão das relações de gênero. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa autobiográfica e descritiva. Na primeira fase, a amostra foi composta de 32 estudantes matriculados/as nos cursos de Educação Física – Bacharelado e Licenciatura, quando cada um/a construiu um storytelling relatando suas experiências de gênero no Ensino Fundamental. Na segunda fase, estudantes responderam um questionário refletindo sobre o uso do instrumento. O material produzido foi submetido a análise temática com o auxílio do software NVIVO. **Resultados:** A construção do storytelling oportunizou que acadêmicos/as refletissem sobre as relações de gênero vivenciadas nas aulas de Educação Física, destacando o privilégio masculino e a secundarização das meninas no processo educativo. Também evidenciou que essa ferramenta tem grande potencial na captura de memórias em razão do uso da narrativa autobiográfica associada às imagens. **Conclusões:** Na educação, o storytelling mostra-se como um instrumento potente, uma vez que abre portas para o futuro ao acionar reflexões sobre o passado e essas portas indicam caminhos a serem traçados pelos/as futuros/as docentes. Na pesquisa qualitativa, o storytelling evidencia que as fotografias e vídeos do arquivo pessoal do/a participante adicionam uma dimensão visual e emocional aos dados recolhidos, contribuindo para uma compreensão mais profunda, capturando nuances, emoções e contextos que poderiam ser perdidos em métodos tradicionais.

Palavras-Chave

Instrumento de pesquisa; Storytelling; Inovação; Gênero.

STORYTELLING AS A RESEARCH TOOL IN THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION

Abstract

Introduction: Innovating in the production of new instruments for data collection is a challenge. In this context, storytelling gains strength by enabling students to reflect on their life trajectories. **Objectives:** To analyze the potential of storytelling as a research tool, probing whether its production in professional training in Physical Education enhances and deepens understanding of gender relations. **Methods:** This is an autobiographical and descriptive qualitative research. In the first phase, the sample consisted of 32 students enrolled in Physical Education - Bachelor's and Teaching courses, each of whom constructed a storytelling narrative recounting their gender experiences in Elementary School. In the second phase, students answered a questionnaire reflecting on the use of the instrument. The material produced was subjected to thematic analysis with the assistance of NVIVO software. **Results:** The construction of storytelling allowed academics to reflect on gender relations experienced in Physical Education classes, highlighting male privilege and the marginalization of girls in the educational process. It also showed that this tool has great potential in capturing memories due to using autobiographical narratives associated with images. **Conclusions:** In education, storytelling proves to be a powerful instrument, as it opens doors to the future by triggering reflections on the past, and these doors indicate paths to be followed by future teachers. In qualitative research, storytelling demonstrates that photographs and videos from the participant's archive add a visual and emotional dimension to the collected data, contributing to a deeper understanding, and capturing nuances, emotions, and contexts that could be lost with traditional research methods.

Keywords

Research instrument; Storytelling; Innovation; Gender.

1. Introdução

Com o avanço das modernas tecnologias, as formas de comunicação e interação entre os sujeitos modificaram-se, resultando na ampliação dos modos de ler, escrever e de pesquisar. Essas transformações foram impulsionadas pelo uso de diferentes aparelhos no cotidiano, penetrando também nas escolas e universidades, onde estudantes utilizam constantemente notebooks, smartphones e tablets, exigindo que esses aparatos sejam aproveitados para auxiliarem na formação dos/as alunos/as (Oliveira & Silva, 2020). A proliferação dessas ferramentas é impulsionada pelos recursos de produção textual, imagética e sonora que elas oferecem, recentemente, levados ao máximo com a Inteligência Artificial, como o ChatGPT (<https://chat.openai.com/>), que entre seus diferentes prompts pode gerar uma imagem a partir de um conceito. Tal possibilidade parece corroborar com a afirmação de Mirzoeff (2003) que enunciava a obsessão da sociedade contemporânea pela imagem, constituindo um verdadeiro ocularcentrismo, tornando as experiências humanas cada vez mais visuais e, ao mesmo tempo, visualizadas. Estima-se que em 2023 foram capturadas 1,6 trilhões de fotografias no mundo (Pantic, 2021). Esse número robusto apenas reforça que o visual é uma questão central da contemporaneidade, seja no formato de fotografias ou de vídeos.

Nesse contexto, como uma resposta a essa era visual desponta o storytelling, cuja narrativa audiovisual ganha materialidade em forma de videoclipe multimídia com o intuito de expressar uma história pessoal ou comunitária (Lal et al., 2015). A arte de contar histórias sempre foi intrínseca a experiência humana, mas as tecnologias e a cibercultura possibilitaram uma nova maneira de narrar histórias e novas formas de compartilhá-las (Maddalena et al., 2016), uma vez que a imagem não é apenas um registro visual, ela emerge como um veículo central na transmissão de narrativas e experiências em uma sociedade cada vez mais visualmente orientada.

Na educação, o storytelling incentiva os/as alunos/as a refletirem sobre o conhecimento adquirido, bem como suas próprias experiências, ao invés de receberem os conteúdos de forma passiva pelos/as professores/as (Lal et al., 2015), pois o aprendizado é facilitado quando está relacionado com a realidade em que os/as alunos/as estão inseridos/as (Lisboa et al., 2023). O storytelling também é uma maneira culturalmente apropriada de conduzir pesquisas com grupos culturais minoritários, prometendo ser uma prática de pesquisa descolonizadora, pois produz conhecimento não apenas do ponto de vista dominante (Jager et al., 2017).

Para exemplificar, trazemos dois estudos que fomentam a utilização do storytelling no ensino e na pesquisa, respectivamente. O primeiro estudo, é um experimento aplicado em uma turma de graduação de uma universidade, a turma foi dividida em dois grupos, um dos grupos recebeu o conteúdo com a técnica de storytelling e o outro grupo recebeu o conteúdo de acordo com o método expositivo tradicional de ensino. Os resultados apontaram um melhor desempenho dos/as estudantes no grupo em que a técnica da ferramenta foi utilizada pelo docente (Lisboa et al., 2023). A segunda pesquisa, ancorada nos estudos de gênero, evidencia que o storytelling se mostra muito eficiente no trato com os processos de generificação, já que ao construírem o

recurso, os grupos minoritários estão criando interpretações alternativas de mundo que contrariam as narrativas dominantes (Jager et al., 2017). Esse estudo analisou a ocorrência do eixo “igualdade de gênero” na construção de storytelling em um Grupo de Investigação, composto por estudantes de 13 a 15 anos. Como resultado, foi possível observar que durante o desenvolvimento da ferramenta, surgiram reflexões trazidas pelos/as participantes em relação à igualdade de gênero no mundo do trabalho e na política e, acerca de possibilidades de romper com padrões socioculturais voltados ao uso dominante do gênero masculino na linguagem. A estratégia de construir essas narrativas digitais mostrou-se importante para que os/as alunos/as assumissem uma postura investigativa que possibilitou a reflexão sobre a igualdade de gênero (Souza & Rodrigues, 2022).

Na esteira desses estudos, nota-se que o storytelling tem um comprovado potencial educativo e a sua utilização como uma ferramenta para produzir fontes de pesquisa aponta para uma dupla função: por um lado, ele promove reflexões e memórias acerca do vivido, por outro, oferece um denso conteúdo para ser objeto de análise na pesquisa.

Embora o potencial do uso do storytelling em situações educativas (Lal et al., 2015; Lisboa et al., 2023) que problematizam especificamente as relações de gênero já tenha sido evidenciado em estudos (Jager et al., 2017; Souza & Rodrigues, 2022), seu emprego na Educação Física para capturar as nuances das relações de gênero ainda se apresenta inexplorado. E mais, a Educação física, tanto no ensino fundamental quanto na formação profissional, constitui-se como um território central para a generificação dos corpos dos/as estudantes, uma vez que as práticas esportivas privilegiam alguns corpos em detrimento de outros (Altmann et al., 2018; Oliveira & Jaeger, 2022). Nesse sentido, analisar o potencial do storytelling para refletir sobre as relações de gênero no contexto da Educação Física busca preencher essa importante lacuna.

Dessa forma, nesta pesquisa pretende-se analisar o potencial do storytelling como um instrumento de pesquisa, perscrutando se a sua produção na formação profissional amplia e aprofunda a compreensão das relações de gênero na Educação Física.

2. Metodologia

Essa pesquisa é de natureza qualitativa do tipo autobiográfica e descritiva. As pesquisas qualitativas respondem questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 1994), atribuídos pelos sujeitos ou grupos a um problema social e humano. Para estudar esse problema, os/as pesquisadores/as usam uma abordagem qualitativa de investigação, ou seja, coletam os dados no ambiente em que os/as participantes vivenciam o problema, reunindo diversas fontes de dados, como por exemplo questionários, entrevistas e diários de campo. Em todo o processo de pesquisa, o/a pesquisador/a mantém o foco na captação de significado que os/as participantes atribuem ao problema estudado (Creswell, 2014).

O caráter autobiográfico faz o intercâmbio entre o pessoal e o sociocultural e evidencia como cada sujeito constrói sua identidade num diálogo com seus contextos de vida. É constituída pelo uso de narrativas produzidas pela solicitação do/a pesquisador/a, com a intenção de produzir uma memória pessoal ou coletiva procedente no tempo histórico, capturando sentidos da vida social que não são facilmente detectáveis, ressignificando as identidades individuais, de grupo, de gênero e de classe no contexto social (Abrahão, 2003). É o ato de narrar histórias em seu contexto, de uma forma mais situada, levando em consideração o seu público, o momento ou lugar escolhidos e o objetivo que está se buscando, é um esforço contínuo para fazer perguntas sobre o que experimentamos no mundo e mostrar novas tentativas de atribuir significado a isso (Telo et al., 2021), permitindo desenvolver estudos sobre distintas experiências, contextos e conceitos por meio de um processo de representação do pensamento, reflexão, crítica, construção de conhecimento e atribuição de significados (Souza & Rodrigues, 2022). Contar histórias é uma atividade essencialmente social, as histórias são matéria-prima e produto cultural da memória, essas histórias recontadas tornam-se não apenas formas de nos expor as diferenças que ultrapassam as nossas fronteiras, mas também outras maneiras de pensar o presente (Scott, 2011). As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, relacionando com a evolução dos contextos de vida profissional e social (Josso, 2007). A escuta autobiográfica pelo/a pesquisador/a deve ser permeada por uma atenção flexível, favorecendo a compreensão dos caminhos percorridos pelo/a narrador/a (Souza & Senna, 2023). Ao mesmo tempo, esta investigação também é descritiva, uma vez que busca especificar propriedades, características e traços importantes de determinadas situações, contextos, eventos ou fenômenos (Sampieri et al., 2013).

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (parecer número 23081.047610/2023-14). Após utilizamos uma amostra intencional (Yin, 2016) de estudantes matriculados/as em uma disciplina do 3º semestre dos cursos de Educação Física – Licenciatura e Bacharelado, de uma universidade no sul do Brasil. A disciplina foi escolhida em razão do seu objetivo de discutir e analisar a cultura humana enquanto um fator inerente ao processo educacional e conhecer, discutir e analisar os seres humanos enquanto seres culturais. Todos/as os/as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitando participar da pesquisa, contabilizando 32 estudantes, sendo 20 homens e 12 mulheres. Para manter o anonimato dos/as participantes, quando os excertos das entrevistas são apresentados, utilizaremos a identificação “Acadêmico/a” seguido do número correspondente.

A pesquisa foi conduzida em duas etapas distintas, em primeiro momento foi solicitado aos/as estudantes que produzissem um storytelling relatando suas experiências de gênero nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. Para isso, os/as alunos/as participaram de um workshop para aprender a elaborar a ferramenta, resultando em vídeos com a duração de 3 a 4 minutos, com narração e legenda, contando como as relações de gênero orientavam suas possibilidades de práticas corporais e esportivas nas aulas de Educação Física escolar.

Na segunda etapa, os/as alunos/as responderam a um questionário acerca das reflexões que foram surgindo no decorrer da construção do storytelling, abordando as relações de gênero na Educação Física escolar, as possibilidades de uso na sua formação profissional e as dificuldades encontradas no percurso. Esse material foi digitado para posteriormente ser analisado.

O storytelling surgiu no final da década de 1990 através do Center for Digital Storytelling, que desde 2015 passou a se chamar StoryCenter (<https://www.storycenter.org/>), localizado em Berkeley na Califórnia, essa organização pretende transformar a forma que ativistas comunitários, educadores/as, agências de saúde e serviços humanos, profissionais de negócios e artistas pensam sobre o poder da voz pessoal, para geração de mudanças, justiça social e bem-estar (Jager et al., 2017; Lal et al., 2015).

À medida que o storytelling foi ganhando visibilidade e reconhecimento, tornou-se evidente que ele tinha potencial para além do seu uso original. Assim, diferentes usos foram mapeados: atribuições terapêuticas centradas na saúde mental foram destacadas quando o recurso foi utilizado com grupos marginalizados ou vulneráveis, beneficiando os/as participantes e suas redes de apoio; possibilidades educativas, pois foi verificado que a utilização dele aumenta o envolvimento de alunos/as com deficiência nas aulas; é uma boa ferramenta para os profissionais da saúde, onde as experiências com os/as pacientes ficam mais vividas; de fortalecimento de movimentos sociais, auxiliando na articulação de identidades coletivas; e de pesquisa, atuando como uma ferramenta de pesquisa descolonizadora, os sujeitos do estudo são auto representados ao contarem suas experiências de vida, evitando imposições dos/as pesquisadores/as e do grupo ao qual pertence (Jager et al., 2017).

Esse conteúdo audiovisual normalmente, é composto por 7 elementos, sendo eles: revelação pessoal, como se o/a narrador/a estivesse ciente de uma nova percepção que está sendo compartilhada na história; voz em primeira pessoa, pois são reflexões pessoais sobre determinado assunto; experiência vivida do/a narrador/a; utilização de imagens para criar ritmo com a narração; trilha sonora para causar impacto; história com curta duração, em média de 2 a 3 minutos, assim, o/a narrador/a é obrigado/a a chegar no cerne da questão de maneira eficiente, tornando o formato eficaz na captura de momentos ou pontos de virada que definem a vida; e privilegia a autoexpressão e autoconsciência em detrimento de preocupações com o público (Lal et al., 2015; Lambert, 2013).

Cientes das potencialidades destacadas do storytelling, eles foram analisados pelas duas pesquisadoras e depois comparados, através da Análise de Discurso I proposta por Gillian Rose (2001), prestando atenção nas próprias imagens e as teias de intertextualidade na qual a imagem está inserida. Essa forma de análise está preocupada com a produção de diferença social através da imagética visual e aborda questões de poder que permeiam a sociedade.

Já os questionários coletados, foram transcritos e analisados duplamente, com o auxílio do uso da técnica de Análise Temática (AT), cujo foco busca identificar padrões dentro dos dados, esses padrões chamamos de temas.

Os temas capturam algo importante sobre os dados em relação ao problema de pesquisa e representam algum nível de resposta dentro do conjunto de dados, ou seja, a AT busca em um conjunto de dados encontrar padrões repetidos de significado, interpretando aspectos dos objetivos da pesquisa (Braun & Clarke, 2006).

Para tanto, no primeiro momento da análise, nos familiarizamos com os dados, assistindo aos storytelling, lendo o conteúdo dos questionários e organizando o material para a análise como nos ensinou Yin (2016). A seguir, com o auxílio do software NVivo 14 geramos os códigos iniciais que constituíram três padrões: possibilidades do uso do storytelling; dificuldades encontradas na elaboração do recurso; e reflexões surgidas com o uso da ferramenta, esse último, seguido dos subcódigos: o papel do/a professor/a, alunos/as habilidosos/as, relações de gênero e limitações das escolas. No próximo passo os códigos parecidos foram mesclados, resultando os primeiros temas. Após, os temas foram revisados e refinados para então consensualmente nomeá-los de modo a responder os objetivos da pesquisa, resultando em: o storytelling e as relações de gênero nas aulas de Educação Física e desafios e possibilidades do uso do storytelling na formação inicial.

3. Resultados e Discussões

3.1 O Storytelling e as Relações de Gênero nas Aulas de Educação Física

Nas aulas de Educação Física, é possível notar que as relações de gênero direcionam os meninos e as meninas a ocuparem espaços distintos, onde os/as alunos/as apresentam comportamentos, atitudes e preferências diversas em relação às brincadeiras e atividades propostas, geralmente, os meninos são vistos como mais habilidosos e dominantes nas práticas corporais do que as meninas (Rios et al., 2023).

De acordo com Scott (1995), o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder, ou seja, o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. Na Educação Física, entendemos que os esportes funcionam como um poderoso executor de controle, um demarcador de gêneros, um regulador de poder que invisibiliza as minorias, que são as mulheres, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIAPN+ (Costa & Santos, 2018).

Nos storytelling concebidos pelos/as alunos/as, observamos que as vivências na Educação Física escolar indicavam uma prática comum: a separação dos corpos dos/as estudantes que estava ancorada em uma perspectiva biológica que leva em consideração a anatomia do sexo. Em muitos casos, os conteúdos eram divididos de forma exclusiva entre os meninos e as meninas, sendo o futebol ofertado para eles e o handebol para elas. Este formato resultava em aulas segmentadas, onde as alunas frequentemente eram excluídas de certas atividades, ou seja, em situações em que o futebol era o foco, apenas os meninos participavam ativamente, deixando as meninas à margem.

Ao elaborarem os storytelling os/as estudantes puderam refletir sobre suas jornadas, com suas próprias memórias vividas, com um movimento autorreflexivo dos lugares que (des)ocuparam nas aulas de Educação Física, ou sobre a ausência de uma discussão mais aprofundada sobre gênero, como mostram os excertos:

Ao decorrer da construção do storytelling, comecei a me lembrar da minha Educação Física escolar e reparei que em nenhum dos anos em que estive na escola foram trabalhadas as questões de gênero, tampouco a sexualidade (Acadêmico 3).

Fui pensando em todas as histórias, situações e conexões interpessoais de gênero que houve naquela escola e que, muitas vezes, acabei nem dando conta na época (Acadêmico 6).

Foram surgindo muitas reflexões sobre como a Educação Física é limitada e conservadora em relação as questões de gênero, com a maioria dos alunos relatando que em suas aulas que meninos e meninas faziam práticas diferentes, tanto as atividades, quanto as aulas (Acadêmico 8).

Me fez pensar o quanto as coisas permanecem no mesmo, a questão da tradicional fila, os meninos e as meninas separados, as atividades divididas, o espaço para a atividade ser tomado pelos meninos nas atividades coletivas enquanto as meninas ficam com um espaço mínimo (Acadêmica 5).

No decorrer do trabalho, fui me lembrando sobre as relações de gênero e percebendo que desde aquela época somos separados quando o assunto é esporte, os meninos com futebol e as meninas handebol. Porém, em atividades não relacionadas ao esporte, a turma era totalmente unida e fazíamos todos juntos (Acadêmico 10).

Pude observar e reconhecer todo esforço que tive durante anos para me encaixar, foi uma ótima reflexão e fico feliz em saber que esse preconceito sobre as mulheres no esporte tenha diminuído (Acadêmica 12).

Diante dessas narrativas, percebemos que “trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida” (Josso, 2007, p. 415), tomando consciência de ser sujeito da sua própria história. Os/as alunos/as que construíram os storytelling constataram que as narrativas permitem esse processo reflexivo, intencional e crítico do percurso vivido, um processo importante para a formação humana. Quando somos convidados/as a refletir sobre nossas ações, ou ações do/a outro/a, entendemos que a formação profissional não se dá apenas pela via acadêmica, a aprendizagem experiencial também faz parte do processo de formação (Souza & Senna, 2023).

Além disso, a escolha do uso do storytelling foi acertada, uma vez que esse recurso foi criado como uma forma de crítica ao poder, fornecendo mecanismos para grupos sociais que necessitam de visibilidade (Lambert, 2013), despontando como um ótimo recurso pedagógico para se refletir sobre as relações de gênero presentes na Educação Física, pois o ato de narrar sua própria história e conseguir tomar consciência do seu percurso vivido (Josso, 2007), entra em acordo com a ideia de que a formação profissional deve potencializar a instrução sobre boas práticas educativas de gênero, já que muitas vezes encontra-se fragilidades na formação inicial, pela falta de disciplinas curriculares com esse fim e docentes pouco engajados/as na causa (Oliveira & Jaeger, 2022).

Seguindo nesse caminho, os/as narradores/as das histórias, consideram que os/as professores/as de Educação Física têm um papel importante desde a Educação Básica na promoção da equidade de gênero. Vejamos:

Surgiram algumas questões em que não havia refletido sobre situações constrangedoras e desnecessárias, onde o professor que deveria ser o mediador inclusivo para que não haja separação e discriminação entre colegas (Acadêmica 7).

Surgiu reflexões nas quais quando éramos crianças não tínhamos, pois não tínhamos entendimento e nem conhecimento. O quanto fomos limitados as questões de gênero por parte de nossos educadores (Acadêmico 18).

Primeiramente o fato da distinção de gênero, pois nas aulas tinham falas em que a professora tratava os meninos como se eles pudessem jogar e as meninas não (Acadêmico 7).

Uma das principais reflexões foi que poderia ter sido diferente se tivesse um professor mais qualificado sobre questões de gênero (Acadêmico 1).

Os/as acadêmicos/as ao construírem os storytelling, identificaram lacunas nas experiências dos primeiros anos escolares, nas quais observam a falta de intervenções dos/as professores/as em relação a temática gênero. Nesse sentido, torna-se imperativo que o/a docente esteja atento/a para reconhecer e implementar estratégias que promovam a inclusão de todos/as, evitando assim incentivar a reprodução de estereótipos de gênero (Oliveira & Jaeger, 2022). Pois, o papel do/a professor/a é de suma importância para a desconstrução de estereótipos de gênero traçados desde a infância, que fazem com que meninos e meninas ajam de determinada forma e não de outra (Rios et al., 2023).

Os materiais produzidos pelos/as acadêmicos/as, possibilitaram as pesquisadoras visualizarem que essas trajetórias de vida postas em tela, foram permeadas por estereótipos e desigualdades. As acadêmicas relataram uma luta constante para se encaixarem nas práticas corporais e esportivas, enquanto os acadêmicos mostraram que sempre estiveram participando ativamente das aulas de Educação Física.

Quando os homens foram questionados pela professora da disciplina sobre onde estariam as suas colegas nas aulas, quando foram alunos da disciplina escolar, eles não lembram, evidenciando a invisibilidade do que não é masculino (Costa & Santos, 2018). Porém, é a partir de espaços como esse, de reflexão da sua própria jornada, que os acadêmicos conseguem compreender que ocuparam uma posição privilegiada enquanto alunos da Educação Física escolar. Ao mesmo tempo, as acadêmicas compreendem as condições de possibilidade que as secundarizaram nas aulas.

3.2 Desafios e Possibilidades do uso do Storytelling na Formação Inicial

Durante a construção dos storytelling, os/as estudantes encontraram alguns percalços presentes nas ferramentas de edição de vídeo, como as legendas, a montagem do vídeo e falta de imagens do arquivo pessoal para ilustrar a história, muitos/as ainda não haviam tido o contato com edição de vídeo, e ao elaborarem o artefato desenvolveram competências do século XXI, ou seja, uma alfabetização no uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (Rahman & Bakar, 2020).

Outra dificuldade, foi relembrares os momentos que vivenciaram na Educação Física, ao revisitarem esses eventos importantes, mergulham na esfera da narrativa, ressaltando seu papel crucial na consolidação de memórias. A construção de uma narrativa não apenas oferece um contexto significativo, mas também desempenha o papel de atribuir significado às experiências vividas. Ao recontar essas histórias, não apenas é fornecido um rico contexto ao/a ouvinte, mas também nos transportamos de volta ao ambiente sensorial e emotivo original que gravou a memória. Esse processo não é apenas uma transmissão de informações, mas uma maneira de reviver mentalmente os aspectos sensoriais e emocionais da experiência (Lambert, 2013).

Em contraponto, os/as estudantes encontraram novas possibilidades para a formação profissional ao elaborarem o storytelling. Vejamos:

Através da construção do storytelling pude lembrar como foi meu ensino fundamental e me fez pensar que eu, futuramente como professor, posso fazer diferente (Acadêmico 1).

Gostei muito da proposta da professora e percebi que há outras maneiras de explicar e passar um conteúdo, sendo o storytelling uma maneira mais simplificada (Acadêmico 3).

Conseguimos refletir e comparar as atividades escolares que foram pensadas para nós no passado, com as que utilizamos hoje em dia e buscar fazer diferente (Acadêmico 4).

Achei muito interessante para minha formação profissional, partindo do ponto de vista que foi onde tudo começou, lembrar como eram feitas as coisas há uma década é muito importante para que possamos mudar e evoluir (Acadêmico 8).

Me fez lembrar um dos motivos de eu escolher o Curso, que é abrir cada vez mais espaço para as mulheres no esporte, seja aonde for (Acadêmica 8).

Pesquisar e estudar para contar nossa própria história faz sermos mais pontuais em nossas atitudes hoje. Olhamos para trás e enxergamos os erros cometidos e assim aprendemos a melhorar questões pessoais que afetam o dia a dia (Acadêmico 17).

Pude observar e reconhecer todo esforço que tive durante anos para me encaixar, foi uma ótima reflexão e fico feliz em saber que esse preconceito sobre as mulheres no esporte tenha diminuído (Acadêmica 12).

Essa esteira de resultados mostra que o processo de aprendizagem é mais efetivo quando está relacionado com situações encontradas no cotidiano (Lisboa et al., 2024) e, um olhar retrospectivo para o interior de cada um/a é importante para contextualizar as histórias a luz do presente até as aspirações futuras (Josso, 2007). A partir disso, os/as estudantes passaram a considerar outras aspirações pessoais quando formados/as no curso de Educação Física, catalisando mudanças positivas com base nas suas próprias experiências. Histórias que contradizem o discurso dominante proporcionam modos alternativos de ser e estar no mundo, indicando que é necessário explorar o uso dessas histórias para envolver os/as estudantes e suas comunidades em uma conversa sobre questões de opressão e privilégio que possam levar a mudanças sociais, a fim de situar essa intervenção pedagógica firmemente no contexto da educação para a justiça social.

4. Considerações Finais

A produção dos storytelling possibilitou que os/as acadêmicos/as refletissem sobre as relações de gênero individuais e coletivas vivenciadas nas aulas de Educação Física, elencando os motivos que resultam em discrepâncias na participação das aulas, muitos/as deles/as refletem que os/as professores/as têm um papel determinante para que as aulas sejam mais equitativas.

Tais reflexões sugerem que as abordagens autobiográficas em pesquisa e na educação, pelo potencial de invenção de si, individual e coletiva, têm benefícios para uma práxis biográfica formadora e por isso mesmo, transformadora (Josso, 2007). Um olhar retrospectivo para sua própria história de vida, proporciona uma compreensão mais profunda da identidade pessoal e cultural, assim como, lança luz sobre a identidade docente.

Em que pese as dificuldades encontradas durante o processo de produção do storytelling, apontadas na edição de vídeo e na captura da memória acerca das aulas de Educação Física, revelam a importância de fazer esse exercício de forma contínua, além de possibilitar o contato com novas tecnologias. A experiência de construir o storytelling abre portas para que mais professores/as utilizem dessa metodologia em suas aulas, pois os/as alunos/as têm espaço para refletirem sobre seu passado e construam um futuro diferente, a partir das suas próprias vivências.

Ao utilizar o storytelling como ferramenta de pesquisa, os/as pesquisadores/as qualitativos/as têm a oportunidade de alcançar o foco da questão de maneira mais profunda e significativa, pois as narrativas digitas oferecem uma visão mais rica e contextualizada das experiências dos sujeitos ou grupos pesquisados. A presença de fotos e vídeos do arquivo pessoal adiciona uma dimensão visual e emocional, contribuindo para uma compreensão mais completa, capturando nuances, emoções e contextos que poderiam ser perdidos em métodos tradicionais.

Assim, o storytelling foi importante para reconhecer que as vivências dos/as futuros/as profissionais devem ser valorizadas durante o processo formativo, vinculadas as outras dimensões oferecidas na universidade, permitindo aos/as estudantes a produção de outros saberes cruzados com a experiência, como aquisição de novas metodologias e conceitos (Souza & Senna, 2023).

Por fim, o storytelling oportunizou a união do grupo privilegiado e do grupo secundarizado em função de um único objetivo: que todos/as tenham direito a oportunidades justas de movimento na Educação Física, independente do seu gênero, raça/etnia, classe, sexualidade ou fisicalidade.

5. Referências

- Abrahão, M. H. M. B. (2003). Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História Da Educação*, 7(14), 79–95. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>
- Altmann, H., Ayoub, E., Garcia, E. F., Rico, E. R., Polydoro, S. A. J. (2018). Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*, 26(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144074>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Costa, F. S., & Santos, A. M. (2018). Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. *Holos*, 34(5), 140–150. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.7607>
- Creswell, J.W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Penso
- Jager, A., Fogarty, A., Tewson, A., Lenette, C., & Boydell, K. (2017). Digital Storytelling in Research: A Systematic Review. *The Qualitative Report*, 22(10), 2548–2582. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2970>
- Josso, M.C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, 30(3), 413–438. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>
- Lisboa, P.F., Santos, D., Souza, J.C.L., & Ribeiro, L.W. (2023). A aplicação do storytelling como metodologia de ensino superior. *Revista Gestão Universitária na América Latina*, 16(3), 74–87. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2023.e93615>
- Lal, S., Donnelly, C., & Shin, J. (2015). Digital Storytelling: An Innovative Tool for Practice, Education, and Research. *Occupational Therapy In Health Care*, 29(1), 54–62. <https://doi.org/10.3109/07380577.2014.958888>
- Lambert, J. (2013). *Digital storytelling : capturing lives, creating community*. Routledge.
- Maddalena, T.L., D'Ávila, C., & Santos, E. (2016). Visual Storytelling e Pesquisa-formação na Ciberultura. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, 3(7), 290–305. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2018.v03.n07.p290-305>
- Minayo, M.C.S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Mirzoeff, N. (2003). *Una introducción a la cultura visual*. Paidós.

- Oliveira, J.V.D.S., & Silva, S.B.B.D. (2020). Os gêneros textuais digitais como estratégias pedagógicas no ensino de língua portuguesa na perspectiva dos (multi)letramentos e dos multiletramentos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(3), 2162–2182. <https://doi.org/10.1590/010318137997811520200921>
- Oliveira, M.C., & Jaeger, A.A. (2022). Equidade de gênero na formação docente em Educação Física. *Revista Contexto & Educação*, 37(118), 01-19. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.118.12725>
- Pantic, N. (2021). How Many Photos Will Be Taken in 2021?. *Mylio News*. <https://news.mylio.com/how-many-photos-will-be-taken-in-2021-stats/>
- Rahman, N.F.N.A., & Bakar, R.A. (2020). Digital storytelling: a systematic review. *Journal of English Language Teaching Innovations and Materials*, 2(2), 97-108. <http://dx.doi.org/10.26418/jeltim.v2i2.42199>
- Rios, V.S.O., Silva, B.O., & Macedo, C.G.. (2023). Educación física y género: algunas reflexiones a partir del discurso infantil. *Revista Diversidade e Educação*, 11(2), 458–482. <https://doi.org/10.14295/de.v11i2.15849>
- Rose, G. (2001). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. SAGE Publications.
- Sampieri, H.R., Collado, C.F., Lucio, M.P.B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Penso.
- Scott, J.W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Scott, J.W. (2011). Storytelling. *History and Theory*, 50(2), 203-209. <http://www.jstor.org/stable/41300078>
- Souza, J.M.P., & Senna, L.A.G. (2023). A narrativa (auto)biográfica na pesquisa em educação: uma prática de linguagem reflexiva. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 8(23), 01-14. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1103>
- Souza, V.M., & Rodrigues, A. (2022). Pesquisa e inovação responsáveis e narrativas digitais: promovendo reflexões sobre igualdade de gênero. *Sisyphus*, 10(3), 206-224. <https://doi.org/10.25749/SIS.26174>
- Telo, A.R., Hofman, V.Y., & Pires, F. (2021). Cazadores de Historias: un caso de implementación de storytelling en el aula como herramienta para incentivar la creatividad colectiva. *Icono 14*, 19(2), 235–260. <https://doi.org/10.7195/ri14.v19i2.1707>
- Yin, R.K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso.

Juliana Jungs de Almeida

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0006-0768-1226>

✉ jungsjuliana@gmail.com

Angelita Alice Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-4998-1578>

✉ angelita@ufsm.br